

## “MEU TRABALHO É DEVOLVER A SUBJETIVIDADE DO PACIENTE”

A Psicóloga Larissa Figueiredo Gomes trabalha atualmente no Hospital Felício Roxo, em Belo Horizonte. Ela chegou lá ainda nos tempos de estágio, quando era aluna de graduação no curso de psicologia da PUC Minas. E deu muito certo a sua opção por esse campo. Hoje Larissa é responsável pelo CTI e pela Comissão de Doação de Órgãos e Tecidos do Hospital. Em relação à sua abordagem de formação, é psicanalista pelo Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG), associado ao Instituto do Campo Freudiano (Paris) e parceiro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP).

Em 2020, no ápice da pandemia da Covid 19, mesmo com toda a correria e tensão do seu trabalho entre CTI, leitos, pacientes e familiares, Larissa achou um tempinho para publicar um importante desabafo nas redes sociais, que acabou “viralizando” e alcançando milhares de curtidas e compartilhamentos, onde dizia: *“Estamos na linha de frente, somos humanos, estamos exaustos e bastante decepcionados com o que a ausência de coletividade tem nos causado. Mas não perco o otimismo: ainda dá tempo de mudar esse jogo”*.

Larissa, em conversa com a BBC News Brasil, esclareceu que desmistificou a intubação não é sinônimo de “fim de linha”: *“Há muitos casos de pessoas que são intubadas e sobrevivem. A gente explica ao familiar que a intubação faz parte do tratamento. É uma forma de colocar o pulmão para descansar para que o paciente tenha tempo de se recuperar. Mas é claro que a gente perde pessoas. Não é suficiente para todos”*, acrescenta a psicóloga.

No domingo 20 de dezembro de 2020, “Conversas em Psicologia” encontrou-se com Larissa, virtualmente, conforme a recomendação de distanciamento social, para obter a entrevista que se segue:

**CONVERSAS** – Larissa, esta entrevista será publicada na Revista “Conversas em Psicologia”, da Faculdade de Ilhéus, em fevereiro/março de 2021. Como você espera que esteja a situação da pandemia nessa época?

**LARISSA** - *Acho difícil fazer qualquer previsão. Não temos ainda plena certeza de quando teremos a vacina. Mas gostaria muito que estivesse sob controle até lá.*

**CONVERSAS** – Falando um pouco do seu percurso profissional, como você se aproximou e abraçou a psicologia hospitalar?

**LARISSA** - *Comecei a atuar em hospitais em 2003, ainda acadêmica de psicologia. Tive excelentes preceptores, que me encorajaram a seguir nessa área. Já atuei em hospitais públicos e privados, também em hospital psiquiátrico.*

**CONVERSAS** - Em que hospital você trabalha e há quanto tempo?

**LARISSA** - *Trabalho no hospital Felício Roxo, em Belo Horizonte. Iniciei lá como acadêmica e permaneço desde então.*

**CONVERSAS** - A pandemia surpreendeu a todos. Como foi no hospital e para você? Você se sentia preparada tecnicamente e emocionalmente para enfrentar essa missão? Quais são as diferenças deste trabalho específico e a assistência que você presta em outros setores do hospital? Ou seja: há diferença entre a UTI da Covid e as demais?

**LARISSA** - *Não estávamos preparados, mas o gabinete de crise do hospital disponibilizou todas informações e treinamentos possíveis em tempo hábil. Também organizamos atendimentos psicológicos para todos os funcionários que sentiram necessidade. A técnica que eu já tinha, serviu de ancoramento. Mas foi preciso reinventar a psicologia hospitalar para esse momento específico que vivemos. O CTI Covid é bem diferente do não Covid. A começar por toda a paramentação necessária. Lá os pacientes ficam isolados, sozinhos, enfrentando uma doença nova, sabendo que ela pode ser fatal. Muitas vezes o quadro clínico impossibilita a fala do paciente (pela dispneia). A família fica distante e também precisa ser acolhida. Foi preciso desenvolver novos protocolos de acolhimento e atendimento psicológico. Passei a ser responsável pelo único contato entre família e paciente, virtualmente.*

**CONVERSAS** - Que autores e professores (supervisores) foram importantes em sua formação?

**LARISSA** - *Além do meu ancoramento teórico na psicanálise, mergulhei nas produções da Débora Noal, psicóloga do “Médicos sem Fronteiras”, com ampla experiência em epidemias e catástrofes.*

**CONVERSAS** - O texto em que você dá depoimento sobre o seu trabalho viralizou na internet e emocionou muitas pessoas. O que você pediria hoje aos brasileiros (estando em dezembro 2020) e o que você recomenda daqui em diante em termos de atitudes das pessoas?

**LARISSA** - *Pediria mais atenção para a coletividade. Impossível vencermos a Covid olhando somente pra o próprio umbigo. Precisamos cuidar dos mais vulneráveis, seguir rigidamente as regras sanitárias. A recomendação é buscar informações seguras, seguir as orientações dadas pela ciência e cuidar da saúde mental.*

**CONVERSAS** - Há algum caso, algum paciente, que marcou você e você poderia compartilhar?

**LARISSA** - *Não existe “o” caso. São vários! O meu trabalho é justamente devolver a subjetividade do paciente em um ambiente hospitalar. Cada um que passou por mim era o amor da vida de alguém. Todos com histórias marcantes! Assim que o paciente interna, convido a família a escrever sobre ele. É uma chance para que eles possam ressignificar as relações e o próprio adoecimento. Assim também conhecemos quem é que estamos cuidando. A gente não trata de números, sim de pessoas! As emoções dentro de um CTI Covid são diárias! Cada melhora, cada alta, também cada óbito. Posso dizer que fui afetada de alguma forma por todos que passaram por mim!*

**CONVERSAS** – Que mensagem você deixaria para os leitores de “Conversas em Psicologia” e para os alunos do curso de psicologia da Faculdade de Ilhéus?

**LARISSA** - *Nunca a psicologia esteve em tanta evidência! Estudem, publiquem, ocupem o amplo espaço que é deixado para psicólogos em nossa sociedade. E, o mais importante, cuidem de vocês! Tanto física quanto emocionalmente.*

**CONVERSAS** – Muito obrigado, Larissa.

**LARISSA** – *Muito obrigada, Faculdade de Ilhéus.*

Entrevista concedida a Walmir dos Santos Monteiro

@larissafgomes\_psicologia